

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA¹

Entrevistadores: Guilherme Ferreira de Oliveira, Helena Castelo Zilbersztein e Luana Lorena Sato

Entrevistada: Ludmilla Lee Castillo

São Paulo, 10 de junho de 2021

Duração: 34 minutos e 25 segundos

Realizada na plataforma Google Meets

Como ser um rio e uma dinamite?

Helena: Bom, posso começar então?

Guilherme: Pode.

Luana: Ah, espera aí, antes disso, a gente só precisa...

Ludmila: Ah, si, tenho... Perdón.

Luana: Imagina, pode falar Lud.

Ludmila: Tenho o direito a não falar alguma coisa, verdade?

Guilherme: Ah, com certeza!

Luana: Claro, com certeza!

Guilherme: Todas as perguntas que você não quiser responder, ou que foram chatas também, você pede pra pular [risos].

Ludmila: [risos] Obrigada!

Helena: Pode falar!

Ludmila: Obrigada.

Luana: Antes de começar a gente só tem que dizer que hoje é dia 10 de junho de 2021, a entrevistada, que é a Ludmilla Lee, autorizou a gravação da entrevista... E era isso!

Helena: Beleza. A gente queria começar perguntando um pouco sobre a sua infância, o nome dos seus pais, se você tem irmãos, onde e quando você nasceu.

¹ O estilo de transcrição escolhido se propôs a corrigir questões gramaticais e fazer outras adequações, sem mudar o sentido da fala.

Ludmila: Só isso?

Helena: Por enquanto é só isso [risos]

Ludmila: Si [risos]. Bom, meu nome é Ludmila, como já falaram aqui, nasci em 30 de julho de 1968, então eu sempre falo que sou filha de revoluções, né, momento de revoluções, né. Tenho dois irmãos, nasci em Havana, e a família... Sou filha de imigrantes, né, a família de minha mãe são cubanos, mas son... Meu avô é espanhol, das Ilhas Canárias, e na parte de meu pai são coreanos, imigrantes coreanos em Cuba.

Guilherme: E como é que foi a sua infância? Se você puder falar um pouquinho de... Não sei?

Ludmila: Si [risos], qual é o tempo da infância?

Helena: Acho que talvez...

Luana: Boa pergunta.

Helena: Talvez você possa escolher.

Ludmila: [risos] É, seria como, digamos, até doze anos, né? Mais ou menos, eu coloco aí. É... Eu acho que eu fui uma menina muito feliz [um breve silêncio]. Gostava muito de ler, minha mãe se ocupou muito, se preocupou muito sempre de ter livros para mi, geralmente estes eram presentes que ela me dava. ã... Que mais? Brincava muito [risos], e era muita estudosa, era uma boa estudante. O que mais? Isso, acho que é isso.

Luana: Você tem lembranças da casa onde você cresceu? Eu não sei se foi só uma, mas se você puder contar pra gente um pouco sobre isso.

Ludmila: Eu morei em várias casas, de criança. Eu tinha que mudar muito, por razões de trabalho de meu pai, que ia trabalhar em uma província, depois mandava pra outra... E assim cada vez que ele ia, ia por um tempo, digamos, dois, três, quatro anos. E eu, na minha infância, morei em uns quatro lugares, né, quatro províncias diferente, né. Então a gente é da capital, mas bem bebezinha fui morar em centro da ilha, que se chama Santa Clara, depois voltamos para a nossa casa de Havana, depois fui morar no oriente de Cuba também, e depois em um tempo, como doze anos, morei no ocidente também, perto da Havana, mas com meus vovós, né? Então teve umas quatro casa [risos] da infância.

Luana: Tem alguma delas que te marcou mais?

Ludmila: Ah, todas são marcantes, né? A casa onde eu nasci, onde morei a maior parte de minha vida, é a casa de minha mãe, a minha casa depois, né, é uma casa muito importante

para minha vida, esta casa já não existe mais, quer dizer, existe, mas não é mia, né? E uma coisa interessante dessa casa que foi muito marcante para mi, quando así, a viagem que eu fiz em Cuba, eu não fui à minha casa, porque não queria ir, não tinha vontade, é muito forte, né, então não queria ir só por umas horas ver minha casa, estava muito... Mexeu muito comigo, aí eu não fui na minha casa. Então já faz uns cinco anos que não veo minha casa, que já não é minha casa, né? Não tenho... Não vi mais ela. Outra casa, de Santa Clara, eu era muito criança, muito pequenininha, então as lembranças que eu tenho dessa casa... Não tenho minhas próprias lembranças, né? Mas fué nessa casa onde... Por exemplo, ah, onde eu tenho ligações muito fortes com a minha mãe, né, de acontecimentos fortes, e a lembrança de meu pai mais jovem, né? A casa de meus vovôs é a casa do amor, né? Não existe mais também. Então, todas foram casa importantes, todas marcaram uma época, com relacionamentos diferentes, meus amiguinhos, amiguinhas, do jeito de eu brincar, né, no oriente de Cuba brincava muito no... Era um lugar meio de mato, que foi feito um bairro, né, e não tinha ainda rua com... Como se chama?

Luana: Asfalto?

Ludmila: Asfalto. Então eu brincava muito perto do mato, e corria muito no [risos] no campo, não era campo mas era campo, né, era como. Isso foi muito bom. Depois em Havana eu não podia brincar assim, morava em um apartamento, um prédio, então já não dava pra brincar así [risos]. Então são muito especiais, né? Minha infância foi muito bonita, muito bonita. [breve silêncio] Estou falando muito errado português, desculpem, porque faz tanto tempo de pandemia que não falo português.

Luana: Imagina, por favor!

Ludmila: Estou fechada aqui e não falo nada com ninguém, quase.

Luana: Não, a gente sabe bem [risos].

Ludmila: Só falo espanhol dando aula [risos].

Helena: A gente tinha pensado também em uma pergunta que talvez atravessasse essa coisa da casa, talvez seja uma coisa que passe por mais de uma casa, né, que é a coisa da comida, se você tem alguma memória afetiva com alguma comida.

Ludmila: Ah, comida! Sí, eu confieso, eu confesso que eu sou uma cocinera muito inexperta, né? Mas eu gosto muito de limpar vegetais, lavar louça, cortar vegetais, fazer todo o que não seja preparar o alimento e pensar, porque não tenho nenhuma idea... Eu passaria minha vida só comendo arroz, neste caso japonês, branco, así, e alguma pequena cosa para este arroz, mas pode ser só arroz blanco, né? E o legume refogado o vapor, mas sin nada, sin muito aditivo, então sou uma pessoa muito simples comendo, né? E não sou muito criativa com a... Infelizmente... Não é infelizmente, esse é o meu jeito, né? Mas eu gosto muito si de comida, né, de... A elaboração dela... Eu sigo canais de receitas de cozinha, só que eu não faço así, ele

me dá muito prazer ver isto, ver como funciona, mas eu acho que eu sou uma (?) na cozinha, então... Mas a comida, a questão da comida é muito interessante, porque eu consegui comer muita variedade de comida sempre, né, sobretudo em minha infância e juventude, porque minha mãe fazia comida cubana, casa de meus vovôs fazia comida cubana e comida espanhola, né, então eu poderia comer así, que é mais a comida ocidental, né? Comida como a gente come. mas quando estava com meus vovôs ou com meu pai, então comia muita comida coreana e mexicana, enton, porque eles antes de irem pra Cuba eles foram pra México. E eles quando vieram de México pra Cuba trouxeram, minha vovó trouxe algumas tipos de panela que usa pra cozinhar em México, como para fazer as tortillas mexicanas, né? E eu via todos esses processos, de comida coreana, muito! Ajudava também, comia muito, e também de comida mexicana, especificamente de tortillas e algumas coisas mais simples, né? E com a minha outra família veía, comía... Veía, no só comía também esta comida mais ocidental. E às vezes eu tenho contado, né, que... Pois às vezes, muitas vezes meu café da manhã era, não sei, pão com manteiga ou pão com alho, né, que eu adoro pão com alho, leite, né, como típicos ocidentais, mas muitas vezes o meu café da manhã podia ser uma sopa de peixe ou alguma coisa assim com kimchi, arroz... Então depende. E eu sou uma pessoa geralmente muito... Adaptable, né, adaptável. Eu sinto às vezes como rio, né, como um rio, né, ele vai se adaptando à forma do recipiente, do que contém ela, essa água, qualquer água que seja. Então eu vou me adaptando así, e no faço muita resistêcia, né? E foi muito, muito... Essa diversidade foi muito enriquecedora pra mi, para ser uma pessoa aberta, experimentar muitos tipos de comida, ou no colocar muitas resistências com comidas que eu poderia não gostar... então todo isso é um berço muito bom para abrir a diversidade, né? Então agora, atualmente cozinho todo, né, muitas coisas, né, cozinha ocidental, e estou aprendendo alguma coisa de cozinha brasileira, muito devagar, mas o melhor comida que eu faço, diz meu filho, é uma comida coreana, ele disse: "Mãe, as suas comidas são mais ou menos, né? Mas nesta comida você é a melhor!" [risos], que é uma comida coreana, então: "Este que você tem que fazer sempre!" [risos].

Luana: Qual é, desculpa, o prato Lud?

Ludmila: Ah, se chama... Você conhece de comida coreana, cozinha coreana?

Luana: Um pouco, não muito, menos que você, mas conheço um pouquinho [risos].

Ludmila: Ah, bulgogi, né, é uma... Bulgogi é uma espécie de... Um tipo de carne, em esse caso carne suína normalmente, né, que é doce, que é agridoce, não sei como falar.

Luana: Sim, agridoce.

Ludmila: Sí [risos].

Luana: Certo.

Ludmila: E eu faço muitas comidas coreanas, muitas não, algumas comidas coreanas

simples, né, com legumes, mas esse ele diz que [risos] é a melhor. [breve silêncio] Acho que a comida é uma pergunta interessante.

Guilherme:[risos].

Ludmila: Pra todo mundo, né?

Luana: Sim [risos].

Guilherme: A gente tem muita curiosidade, né? É uma coisa meio... Não dá nem pra entender muito, né? Eu fico...

Ludmila: Como así Gui?

Guilherme: Eu já fui procurar aqui o que é o bulgogi [risos].

Ludmila: Não, mas quiçá se escreve diferente um pouquinho, né? Gui, é... Mas eu não estou entendendo o que você falou, que não dá ni para pensar o que?

Guilherme: Não, eu disse que é uma curiosidade sobre comida que eu nem sei da onde vem, não sei, porque eu fico muito curioso de saber de comida, e é sempre muito interessante.

Ludmila: É... Porque a comida, sabe, o alimento, eu acho que é uma coisa muito da transmissão oral, da transmissão, dos pais para os filhos, né, isto é uma transmissão muito importante, e na cozinha, pra mim né, é na cozinha onde nós vamos educando nossos filhos provavelmente, né, a família. Es um momento, por exemplo, cozinha, patriarcalmente falando, é mais das mulheres, como generalizado isso, né, enton só as mulheres pra mim, as mães, que transmitem desde o afeto a educação através da cozinha, isto que eu... E a cozinha é uma coisa simples, né? Como descascar uma banana, uma banan, né? Então, como descascar uma banana, você está ensinando coisas né? E são coisas cotidianas. Eu também venho de um país em que uma época tinha muita fome, meus vovôs coreanos, eles passaram fome quando chegaram em Cuba, em México não tanto, mas quando tiveram que sair de Coréia... Enton, por exemplo, umas das coisas que passa para mim hoje eu dia, eu fico muito assustada com jogar comida fora, que no Brasil joga muito, porque nós guardamos até o último grão de arroz. Eu não poderia deixar nenhum pouco de comida no meu prato, não me permito isso, eu fui educada muito severamente de cuidar a comida, de aproveitar a comida, porque não tinha quase comida, então você tem que aproveitar todo que você tem, não pode deixar... É... E também do pouco que tem, tem que compartilhar, si precisar, si tem pessoas, compartilhar ainda que seja pouco, porque esta outra pessoa pode estar também passando fome, estou falando de minha educação, né, e este educação transmitida através do alimento, dos tipos de alimentos, dos horários dos alimentos, das comidas, dos tipos de comidas, de pra que funciona a comida... Então é uma coisa que nos prepara muito depois para como vamos agir na vida, né? Se vamos... Quais são nossos limites, só a partir da comida, mas se eu costume no compartilhar comida, quiçá eu costume não compartilhar muitas coisas. [breve silêncio] E

outra coisa é agradecer, né? Agradecer de onde saiu essa comida, como que ela foi... Agradecer as pessoas que semearam essa comida, que não conhecemos, agradecer como chegou até nós, como chegou até nós essa comida, né, esse alimento... Porque... Isto, esta coisa, né? Como chegou até nós esse café que eu vou beber, né? Tem pessoas que trabalharam antes de chegar em mim. E também depois quando joga o lixo, né, quando joga o pacotinho, essas pessoas que vão pegar o lixo que eu deixo, né, como cuidar deles também, né, e agradecer, porque eles levam.

Luana: Sim.

Ludmila: É isso [risos]. Comida é linda, né? Coisa de alimento é bonito. Luana sempre comentou que ela gosta muito desto.

Luana: Nossa, demais. Eu fiquei emocionada ouvindo você falar agora, inclusive. Porque esse assunto eu acho que é um dos assuntos mais bonitos que existe, comida pode ser tanta coisa na vida... [barulho externo] Espera aí, está passando um caminhão aqui...

Ludmila: Eu não sei se é aqui ou... Aqui também tem um pouquinho de barulho, né? [risos].

Luana: Lud, a gente...

Ludmila: (?)

Luana: Oi? Perdão, o que é que você disse?

Ludmila: No, no, tempos de online, né?

Luana: Exato [risos], e as dificuldades que isso coloca, né? A gente vai dar um salto um pouquinho pequeno agora, mas eu queria perguntar da sua formação. A gente falou da infância, mas indo agora pra vida um pouco mais jovem, né, o que foram os seus primeiros interesses... Enfim, como você foi construindo esse caminho.

Ludmila: Então, eu sempre... Eu falo que sou meia boba, né? É... uma característica minha quanto ao aprendizado, por exemplo, é que gosto muito de estudar, ainda gosto de estudar muito, gosto muito de ler, de ler e... Sou muito curiosa, muito curiosa... Eu passava muito tempo em minha infância olhando para o céu, enquanto minha irmã ficava brigando comigo porque no fazia faxina, né? "Ó, tem que fazer faxina, ajudar a minha mãe!", eu ajudava minha mãe de outros jeitos, foi sempre assim, né? Teve uma vez que a minha mãe ficou doente em cama, e quando minha irmã... Quando chegava minha irmã ela ficava tão feliz, ela falava: "Ah, que bom!", porque minha irmã chegava e colocava uma grande faxina em sua casa, deixava todo brilhante, muito rápido! Ela é um pessoa muito especial pra isto, mas eu não sou muito especial pra isto, ainda que faço, eu faço com carinho, né, e faço bem, mas não era como... Então eu ficava muito tempo falando com minha mãe, e falava muito de sua vida, as coisas que ela gostava, ou que estava disguidada, e aí ela dizia: "Ah, minhas duas filhas, uma

pode me ajudar em uma coisa e a outra em outra" [risos]. Então eu acho que era muito curiosa, leía muito, então... Na verdade... Na verdade... Quando chegou a época que terminamos o ensino médio, que vá pra faculdade, né, na verdade, aí eu não sabia... Antes desto eu estudei em uma escola de belas artes, né, em realidade estudei desde criança, até meus doze anos, treze anos, até treze anos, até completar todo os doze anos, em uma escola de belas artes, né? Então, o meu mundo era muito lindo na escola, sempre estava rodeada de músicos, de artistas plásticos... Naquela época não se chamava... Eu sou do ano 1968, né, naquela época não existia aquela coisa de artista visual, nada desto, era artista plástico, né? Enton, eu estava muito sempre em contato com o mundo da arte, né, da dança, né, da música erudita em geral, e depois desto vivi uma época muito complexa, onde eu fiquei internada por seis anos, né, desde os doze anos, só que esses dozes anos foi em escola de belas artes ainda, por situações do país e de meus pais, né? E depois fiquei cinco anos a mais internada em outro tipo de escola, que não era nada de belas artes e que foi muito complexo para mi, porque foi um choque muito forte, eu tinha estudado com um tipo de pessoa muitos anos, que depois mudou drasticamente, né? E... Uma época complexa. Quando terminei toda a etapa de sétimo ano até doze anos, né, estive internada longe de meus pais, aí separei de meus pais, longe de meus pais. E na época eu não sabia o que é que queria estudar, na verdade não tinha nenhuma claridade o que é que eu queria fazer, oito anos, pra mi, era muito jovem para eu saber isto. Qual é que era... Não queria continuar estudando em Instituto de Belas Artes porque eu não queria... Estudava balé, mas eu não queria ser bailarina, porque eu queria pensar, esto era o que eu falava para mi em doze anõs mios, né, sétimo ano de escola: "Ah, eu não quero ser bailarina, eu quero pensar". Não sei de onde que saiu isso, né [risos], mas eu lembro disto. Então eu pedi para mamãe me tirar de escola, né, aí eu fiquei internada em outro lugar, né, porque morava longe de meus pais também. Enton eu não sabia, enton eu queria estudar psicologia... Eu queria estudar jornalismo, eu queria estudar literatura e lingua espanhola, linguística, né? Eu queria estudar... O que mais? Mais ou menos isso. Mas estava meio desorientada así, né, e tinha uma prima de minha mãe que ela era uma professora muito antiga da faculdade de direito, né, e ela falou pra mim: "Porque você não estuda direito?", né? E eu: "Tá bom, tá bom, vou estudar direito. Eu acho que direito eu não gosto muito, mas...", ela disse: "Não, experimenta, experimenta! Você é muito inteligente, você pode...", não sei que, "Bom, tá bom!". Mas foi uma decisão terrível, porque eu não gostei nunca do direito, desde que comecei, e tampoco gostava... Como os estudantes de (?), não gostava muito das pessoas, do tipo de pessoas que... Do tipo de interesses que tinham as pessoas que estavam em esses grupos, como bailarinas de balé clássico ou estudantes de direito. Era como um interesse diferente do meu. Ainda si eu terminei minha carreira de direito, né, e trabalhei depois por três anos em centro de pesquisa, porque não queria... Eu pedi não exercer como advogada, ni como promotora, ni como nada desto, não queria trabalhar em empresa, porque não gostava... Estudando eu queria... O que eu gostava das disciplinas eram as disciplinas teóricas, que questionaram muito coisas do direito, da teoria do direito, né? E aí eu comecei a estudar... Pedi que colocassem para mi em centro de pesquisa, trabalhei por dois anos e meio em um centro de pesquisa do Ministério da Justiça de Cuba, né, enton (?) pesquisadora, né? Mas quando eu estava em segundo ano de direito, eu... Ah, estava muito chato, né, e eu comecei a estudar antropologia na Faculdade de Filosofia, como FFLCH [Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo], Núcleo de Filosofia,

História e Sociologia, né, e então hice todo uma especialización por uns quatro anos, né, de antropologia. Então quando trabalhava no Ministério da Justiça como pesquisadora, levava outro trabalho também, que era mais free, digamos, mais livre de tempos muito fechados de trabalho, em um bairro chinês de Havana, e pesquisava dois temas importantes em minha vida, que são o tema de migração, migração asiática, nesse caso chinesa, em Cuba, né, temas de migração e religiones de matriz africana, né, e eso eram mis temas de pesquisa como antropóloga, né? Estes foram meus primeiros estudos e mis primeiros trabalhos, e também trabalhava, depois, em uns bairros periféricos também, trabalhei muito... Em esta época trabalhei uns dois anos em bairros periféricos com um grupo, uma equipe, de diferentes disciplinas, tinha historiadores, historiadores de arte, geógrafos, psicólogos, e yo, que vinha do direito, né, para trabalhar dois linhas, começava em Cuba uma coisa que se chama consultoria, né, nesse momento, e isto, mas... Este era um trabalho comunitário, trabalho em comunidades periféricas e trabalho comunitário mesmo. Esses son mis três coisas, assim, né, para começar. [breve silêncio acompanhado de risos] Vocês não estão entediados aí?

Luana: Muito pelo contrário! [risos] Eu estou me segurando, porque eu queria fazer um monte de pergunta!

Guilherme: É!

Ludmilla: Não me deixem falar tanto, né?

Luana: [risos] Não, mas o interesse aqui é em deixar você falar muito Lud [risos]

Ludmila: [risos] Ok, vamos... Não sei, se quiserem continuar podem.

Guilherme: Ah! Eu tenho... A gente viu que você desenvolveu trabalhos na área de educação e arte, né? E, não sei... A gente queria saber também o que é que te levou para essas áreas, assim, e... Já como uma continuação também do que você estava falando.

Ludmilla: Hmm, acho que na área da arte já tinha estudado em escola de belas artes, né? Eu tinha uma proximidade e uma sensibilidade muito grande com a tradição, com as tradicionais belas artes, né? É... Eso é uma coisa, né, mas... Acho que é uma mistura de todo eso, eu tinha esta coisa, este embasamento anterior e eu comecei já com (?), entrei com 22, 26 anos, eu fiz todo esse trabalho que eu já falei, trabalho de pesquisa, trabalho em comunidades, trabalho em equipe, na periferia, consultoria... A consultoria era criar muitas dinâmicas em lugares que pediram para nós: "Temos este problema, queremos que vocês criar estratégias, conhecer de onde vem este problema...". Podia ser uma empresa mas podia ser também organizações, né? Lembrem que eu estou falando de Cuba, é uma coisa diferente, não é nada de... Quando falo empresa, não pensem que é uma empresa así como aqui, não é nada disto, é outra coisa. E... Eu acho que esse trabalho de comunidade, esse trabalho na periferia, esse trabalho de pesquisa, esse trabalho de criar estratégias, criam muitas dinâmicas, criar coisas para poder levantar problemáticas das comunidades... Foi uma coisa muito grande, importante, eu acho, e... Eu comecei a formar parte... Eu comecei a trabalhar em um lugar, em Teatro Nacional de

Cuba, né, em um centro que se chama, dentro do Teatro Nacional de Cuba, do próprio teatro, né? É um teatro muito grande que tem em Cuba, é o Teatro Nacional, né, muito importante. E dentro de el tem uma companhia de dança, que é a Companhia Matriz de Dança Contemporânea de Cuba, se chama así, Companhia de Dança Contemporânea de Cuba. Então eu comecei a trabalhar em Dança Contemporânea de Cuba como secretária, nada de... Ni bailarina, ni nada... Secretária do diretor, porque na época eu deixei neste momento meu trabalho no Ministério da Justiça, que era um bom trabalho, né? Que dava muito crédito, digamos, com muito bom salário, mas na época, esto foi no ano 1996, 1997, por aí, 1997... Na época eu comecei minha prática de zazen, né, de zazen, de Budismo, e yo queria ter tempo para dedicar-me a minha prática. E na época já tinha meu primeiro filho, né, e o trabalho que eu tinha era com horário muito fechado e não me deixava fazer minhas práticas, cuidar de meu filho como queria, e eu deixei meu trabalho, pedi demissão, né, e procurei um trabalho que não ganhava ni a metade do que era aquele outro, mas ele me dava tempo para eu fazer o que eu queria, porque eu podia de manhã cuidar de meu filho, levar para a creche, todo esse... Fazer minhas práticas, chegar no trabalho um pouco mais tarde e sair 15:00hrs, né, para estar com meu filho, para pegar meu filho, cozinhar, fazer as coisas... E estava separada já, de pai de meu filho, o primeiro... E poder ter tempo de brincar com ele, fazer todo... E na noite, quando acabava todo isso, poder praticar, né, fazer minhas práticas de meditação, de zazen, né? Então era uma vida meio puxada, sempre foi puxada, exceto infância, todo o resto foi bastante puxado. Então eu peguei este trabalho como secretária do diretor, que não valia muito nada, não tinha grande salário, mas me dava o tempo que eu precisava em esse momento para cuidar de meu filho, cuidar da casa e cuidar de minha prática de Budismo Zen, né? Então em esta época, ali em Teatro Nacional de Cuba eu conheci um grupo de jovens que... Professor de teatro, diretores de teatro... Que queriam... Que trabalhavam na comunidade... Perto do Teatro Nacional de Cuba, na Havana, um lugar muito nobre, tem um bairro periférico, né, do lado, quase não se vê, ninguém vê, ele é... Ele não é de prédios altos, eles são casinhas, rapidamente feitas, como aqui, como a periferia, né, igual em Cuba. E não é esse tipo de favela, não é isto, não é la mesma construção, mas é igual, é o mesmo... Estou falando da mesma coisa, né? E então, estas pessoas iam fazer teatro, iam fazer trabalho na comunidade, então eu me aproximei a eles, porque eu queria... Eu já tinha experiência de trabalhar na periferia, e aí eu comecei a trabalhar com essa equipe que formamos, e tenía uma bailarina, tinha um teatrista, tinha um psicóloga, que era músico também, e así... Tinha um titiritero, marionetista, né? E yo escrevia, escrevia, né, escrevia poesia. E hicimos uma equipe para trabalhar com crianças na periferia, crianças pequenininhas, geralmente são crianças com muitas problemáticas, né? Que quiçá não tem pais, os pais estão presos, que vivem em situações de (?) muito grande, né? Bom, vocês sabem, né? O que eu estou falando. E comecei com essa equipe a trabalhar nesse projeto, era do lado do cemitério mais grande que tem em América Latina, né, que está em Cuba... Não sei se é o cemitério mais grande, mas é... Tem uma coisa que é única em América Latina, agora eu posso estar errada de mais grande, quiçá é outra coisa. E trabalhava em condições muito difíceis, né, mas así foi como começou um trabalho de trabalhar nas comunidades mais especificamente com a arte e com a educação, porque não era pra formar crianças artistas, não era nada disto, era como formar, como trabalhar com crianças que tiveram uma vida melhor, né, enquanto aspecto emocional, aspecto... Não sei. Então começamos, hacia um

trabalho muito duro, voluntário, não era um trabalho pago, era nas minhas horas extras, muitas vezes fui com meu filho, tem muitas... Algumas experiências dessa época importantes, e também ver como alguns deles cresceram algumas vezes, crianças depois cresceram, né, algumas se formaram, né, isso nos deixava com muito orgulho, outras não, outras foram os melhores delinquentes, criminosos do bairros, né, eles continuaram, né? Muitas pessoas não entram nesses bairros, né, pela peligrosidad e o mito, né, e nós podíamos entrar, e eles, quando a gente entrava anos depois, eles cuidavam muito da gente, então... Começamos esse trabalho así, na periferia da Havana, com crianças, em um bairro, depois fomos pra outro bairro, trabalhamos em dois bairros, periféricos também, ou três, e avançando o tempo íamos trabalhando, né? Muito a partir da lúdica e da arte, mas dando ferramentas pra vida, né? Como criando, não era dando, na verdade tentávamos criar, dar, mas também criar, né? Um trabalho de (?). Foi así o começo, né, de esta parte. No momento, não sei se querem perguntar alguma coisa ou continuamos....

Helena: Não, pode continuar Lud, estamos te ouvindo.

Ludmila: Aí, nesta época, já tinha uma... por exemplo, tinham crianças que já tinham nove anos e trabalhavam com crianças desde quatro anos até dez, onze anos. E tinham umas crianças que não sabiam ler, que era muito difícil para elas lerem com nove anos, né? E a gente teve processos artísticos, digamos, né, e estas crianças que não sabiam ler, tínhamos um processo assim, mais ou menos nessa época, como ter uns encuentros, sempre encontros de socialização, né, e muito lúdico. E... Sempre partindo dos desejos deles, das expectativas deles, as experiências de vida deles, né? Ah... nesta época começamos estudar muito Paulo Freire. Então queríamos ter esta empatia de se colocar no lugar do outro também, né, e não partir de nós, enfim, nós éramos formados, todos, então eu podia ter uma pretensão que era minha, da minha experiência de vida, queríamos... não era na deles. Então partíamos sempre deles, das crianças, das suas problemáticas, do que eles queriam, como mudar isto, das suas ideias, né, e a partir desse trabalho todo, muito lúdico, muito da educação, muito social, digamos, começava a ter um processo artístico, né? Por exemplo, a partir de escolher entre tod... ahn... muito trabalho colaborativo. Nada de... no meio disso tinha muita coisa, muito perrengue e muita coisa. Quem trabalha com niño, criança, sabe, né? Por exemplo, escolhíamos entre todas as crianças uma, duas, três problemáticas ou uma principal. Tinha uma menina que queria ser bailarina, mas era muito gordinha. E era todo um problema porque discriminavam ela. Então era todo um... essas coisas, né? Então... pegávamos... eles escolhiam uma problemática e a partir desta problemática nós recreávamos tudo isto com arte. Podíamos construir uma história, reconstruíam eles. O que eu trabalhava na área da escrita criativa, podia dar uns conectores, né? Mas eles construíam histórias, que eles queriam contar, como eles queriam contar. Essa história depois podia ser desenhada e essa história podia também ser atuada. Hacia así (?). Ou por exemplo... porque foram várias, né? Ou construíamos marionetas de papel, títeres, marionetas planas, né? Hacíamos pequenos teatrinhos, né, assim, muito simples. Um tecido [gestos], com luzes, assim pra... E eles trabalhavam, eles desenhavam as próprias marionetas planas e neste caso hacíamos, criávamos histórias. E lembro que tinha uma história, uma vez, de uns peixinhos, de uns peixes e uma lagoa e tinha um peixe que era rejeitado por todos... e que era a história deles,

só que, ressignificada, né, através da arte, né? E... tinha um... trabalhava muito o aspecto emocional deles e de atitude deles. Tínhamos uma psicóloga que era música. Eles faziam as músicas das peças, né? Eles mesmos faziam as músicas, escreviam as músicas. Quer dizer, não escreviam nada de partitura, né, como tinha que ser a música... e instrumentos não tínhamos, né, instrumentos eram criados também, né. Uma latinha com grãos de “tchitcharo” (?), de sementes, era um instrumento, não é? O corpo, porque ampliávamos muito a visão deles também, o corpo era também um instrumento, né, e esses foram... durante vários anos foi assim. E no fim convidávamos os pais, os mestres escolas, os professores, e eles avançavam... crianças que não sabiam ler, o que era muito dificultoso pra eles, nessas peças de teatro às vezes tinha narradores, né. E essas crianças... pegávamos as crianças que não sabiam quase ler, e elas liam perfeitamente ali [risos]. Era um trabalho de vários anos muito lindo, se ampliou para outras comunidades e neste processo... tem muitas coisas atrás complicadas, né, mas este era parte deste processo, mas nós percebimos que não tínhamos forças para abarcar muito, né? E começamos a pensar em formar outros jovens artistas que tivessem interesse não só em ser artistas, que é uma categoria meio individual, né, si no artistas que quisessem fazer também aquele trabalho de comunidade, né? Onde eles não eram os protagonistas, si no as comunidades. Então, criamos um projeto, né, de arte educação, para formar jovens artistas que tivessem esse interesse, que trabalhassem em comunidades e... também tinha contação de histórias, “todo esto” estava ali, naquela coisa, né. E este projeto que conseguimos criar, claro que procuramos ajuda, né. E aí já conseguimos ajuda de duas ONG suíças, né, que isso na parceria com o teatro, com o Ministério de Cultura e Teatro Nacional de Cuba, e dava o recurso pra, não sei, comprar as luzes que serviam pro teatro, para comprar crayola (?). Como se llama isto? [gesto].

Luana: Giz.

Ludmila Eso, giz de cera, folhas de papel, aquela folha mais durinha para que as crianças... tudo para as crianças, né. Tínhamos uma ONG suíça por muitos anos, né, que fez essa parceria com Cuba com nosso projeto, que depois bancou também o projeto de formação de formadores, né, de outros jovens para multiplicar a experiência e também depois uma da Comunidad Económica Europea de... uma ONG italiana. Conseguimos, né, conseguimos fazer tudo isso, tivemos de aprender de economia, de orçamentos, de coisas assim também. Ah...uma coisa, essa é outra história, um pouco pesada, né? Então, a gente fez vários anos um processo de imersão duas vezes por ano, de uma semana e com dez pessoas, doze pessoas, jovens artistas como vocês assim, né, que quisessem construir uma metodologia, chamávamos assim naquele momento, de arte/educação. O paradigma era Paulo Freire pela educação, né, e na parte do teatro, que o foi o mais potenciado, também era um brasileiro, que era Augusto Boal, né, eles eram como nossos referentes. Tinha mais, mas eram eles. Então fazíamos uma convocatória pra toda Cuba, através de uma organização de jovens artistas de vanguarda que tem em Cuba, jovens de até 35 anos que sejam artistas, fazíamos uma convocatória para, por exemplo, “Provincia de Occidente de Cuba”, ela era (alta?), e as

peessoas se matriculavam, né, quem tinha interesse. Passamos uma semana fora de Havana, uma vez fizemos em Havana, pero no queríamos centralizar sempre na capital, assim a gente viajava para muitos lugares diferentes de Cuba. Para ir no... para quebrar um pouco aquela coisa de que temos que ir à capital pra formar, né, pra descentralizar. Íamos nas próprias comunidades de alguns dos que iam estudar ou alguma que encontravam perto de alguns estudantes, né, e... fazíamos esta imersão que, e o projeto muda de nombre, se chamou [silêncio] “Arteducando”... e não me lembro, eu esqueci. Bom, mas era “Arteducando” e alguma coisa, “O jogo da transformação”. Era así: Arteducando e o jogo...” era así, una cosa dos anos noventa, estou falando, dos anos dos mil, todo esto esta um pouco superado, quiçá agora, mas na época era muito revolucionário em Cuba, e... apesar que Cuba tem projetos muito revolucionário, este é um projeto que mudou um pouco de coisa, né? Que mexia um pouco com coisa. Mas nós chamamos também à interior do projeto “Pensar Cuba”. Porque já formando jovens, durante una semana através da arte, né, tínhamos que fazer todo um planejamento de uma semana, muito cuidadoso porque tinha que ver não só com formar como adquirir conhecimento, tinha que ver com construir conhecimento novo a partir de uns referentes. Tinha a ver também com construir grupos, com construir comunidade, não era pra que cada um estivesse sozinho com seu pensamento, era construir comunidade com nós, (creavame ?). Quem trabalha em comunidade tem que construir comunidade com outros, né, então era um trabalho muito complexo, atravessado de muitos eixos, né, eixos grupais, eixos cognitivos, muita coisa, né. E sempre em cada semana a gente tinha um convidado da América Latina, né, conseguíamos com o dinheiro da ONG, tínhamos para convidar um, dois artistas que trabalham em comunidades na América Latina. Então, uma vez tivemos guatemaltecos, outra vez, teatristas, né, outra vez mexicanos, outra vez tivemos “uruguayos”. Uma vez tivemos um alemão, que estava interessado por sua universidade, em trabalho comunitário em Latino América e ele encontrou nossa proposta pela internet e ele quis fazer uma pasadia, um estágio. E a equipo essa que se formou muito grande, nossa! Eram pessoas muito boas. Então se formou três grandes equipes pelas três “regiones” de Cuba, né, ocidente, centro e oriente, e estas pessoas já trabalhavam em comunidades que podia ser de montanha, que podia ser pesqueiras... e fizemos um grande levantamento de problemáticas que no se falam em Cuba e de todo Cuba. Um levantamento de problemáticas sociais, políticas, né? E a estaplue (?)... Así quando nós fazíamos este laboratório, depois íamos pras comunidades e trabalhamos com as pessoas, com as crianças e quando começávamos com os jovenes, lideranças comunitárias, né, e também com adultos... Nós fazíamos muito Teatro do Oprimido, por exemplo, em comunidades perdidas, né, na montanha, de não ter luz elétrica...E esto era uma coisa muito maravilhosa. Que eles logravam expressar coisas que eles não podiam decir. E qual que era a solução, né, que esta comunidade vai achar para “esto”. Passava muitos materiais de vídeo também, CTO, Centro do Teatro do Oprimido, só que em Rio de Janeiro, né.

Guilherme: Eu fiquei com uma curiosidade sobre os espaços que vocês usavam. Eu não sei se... onde, o lugar físico, assim, que vocês costumavam fazer as coisas. Se existiam estruturas ou se faziam em espaços abertos, não sei.

Ludmila: Espaço aberto sempre é usado, né, mas o espaço aberto é muito vulnerável, se chove, se tem vento, né. À noite os animais se estão no mato, né? A comunidade é no mato. Então a comunidade, depois que nós formávamos estas duas semanas em março ou outubro e novembro, tínhamos duas semana imersivas e no meio tínhamos continuidade com ele, com cada projeto, né, do artista que tinha se formado com nós na semana. Depois cada um ia pra essa comunidade para continuar trabalhando e a gente ia passando, assim, todos os meses por uma comunidade, né, pra juntarmos-nos, dar força e trabalhar junto. O espaço é o espaço que a comunidade poderia oferecer, né, pode ser uma salinha numa escola... Comunidade no campo, por exemplo, é uma casinha simples. Cuba não é rico, né? Não é um país rico. Todo é muito escasso, muito precário así, mas com muito amor. Então lembro quando eu fui uma vez aqui à... passei um fim-de-semana, acho que foi natal, eu passei com um grupo do MST aqui, né, que eu fui com um amigo meu. E aquela casinha, assim, de madeira, onde faziam a comida, onde nos reunimos, né, falavam, faziam reuniões... Ele, né? Eu participava, eu fui convidada, né. Mas onde as mulheres, tinha ali a cozinha, faziam quentão, né, ou quentinho, não me lembro. O melhor que bebi aqui e delas, dessas mulheres ali no MST e nesse acampamento, né, mas muito simples, cozinha de lenha, né. Mas em qualquer comunidade que fosse, da cidade ou do campo, sempre algum lugar que a comunidade poderia oferecer. E só se queriam, não era obrigação, né. Então era o que a gente sempre conversava, né, mas sempre éramos muito bem acolhidos. Porque são lugares abandonados, ainda que seja em Cuba. Não importa, não se olha suficiente para eles.

Helena: Lud, eu pensei em perguntar uma coisa que ficou um pouco perdida, mas você falou do seu filho e eu queria saber se ele tá aqui no Brasil ou se ele mora em Cuba.

Ludmila: Não, eu tenho dois filhos, né. Tenho um filho que deve ser da idade de vocês, ele tem 26 anos, né, não sei qual é a idade de vocês, e ele não mora em Cuba nem mora aqui, ele mora na Espanha. Porque muito... na adolescência, quando ele tinha 14, eu tinha me separado do papai, né? Quando eu fiz toda essa mudança, separamos, né, e ele depois ficou comigo, ficamos juntos, né, na infância dele. Quando ele tinha 14 anos, o pai dele já morava na Europa, né, e queria muito estar com ele, então falei com meu filho que era o melhor para ele fazer e ele foi, foi morar com seu pai, né. O tempo já dilatou até agora [risos], mas ele já mora sozinho, porque é grande, então já separou do papai como... de morar na mesma casa e tudo. E meu outro filho, Lucas, tem 16 anos e ele mora aqui comigo, né, tá aqui do meu lado no quarto do lado [risos], e moramos aqui ele e eu, né.

Luana: Lud, é... a gente pensou muito mais coisas pra perguntar mas eu acho que a gente tá um pouco preocupados com o seu horário, que você comentou que a gente poderia ficar uma

hora, né?

Ludmila: Ai, eu tenho tanto trabalho, mas podemos ficar um pouquinho mais, si.

Luana: É?

Ludmila: [risos]. Olha a cara do Guilherme! Ele se ri com muito prazer, né?!

Guilherme: [risos].

Luana: É... como for melhor pra você, Lud. A gente pode continuar um pouco? Você prefere marcar outro dia?

Ludmila: Pra mim seria mais difícil, Lu. E aliás, teríamos que voltar a criar tudo isso, então vamos continuar um pouquinho mais? Eu tenho muita coisa, mas não tenho imediatamente aula, mas eu tenho que ver as questões com o Lucas de apoio, todas essas coisas.

Helena: Mas se sinta à vontade também pra avisar quando for um bom momento pra parar.

Ludmila: Tá bom, obrigada. Obrigada, podemos continuar, porque tamos começando, né? [risos].

Luana: Sim!

Ludmila: Assim, como... 20 perguntas a mais, né? [risos].

Luana: E Lud, é... Você comentou que mora aqui com o Lucas, né? Que é o seu filho. Vocês vieram juntos pra aqui, pro Brasil?

Ludmila: Viemos juntos, faz já sete anos. O Lucas já tinha 9 anos quando isto.

Luana: E... se você se sentir à vontade pra contar um pouco sobre isso, mas esse momento que vocês vieram pro Brasil, como foi? Se foi uma decisão exatamente, como que aconteceu?

Ludmila: Ó, esse momento foi um momento muito difícil, né, um momento muito difícil. Em Cuba... muitas pessoas querem sair de Cuba, muitos jovens sobretudo, porque a situação econômica é muito péssima, né, muito precária. Mas, tem também perseguição, né? Por ideias diferentes, não é muito aberta mas ela existe na realidade. É... na época que começamos, que fazíamos esse trabalho, de pensar Cuba, que viajamos por muitos lugares, um detalhe de ...porque estou aqui no Brasil, né? No fim. Um detalhe disto é que, por exemplo, em Cuba, não podíamos falar de Teatro do Oprimido, não poderíamos falar abertamente de “vamos falar de Teatro do Oprimido”, tínhamos que falar “vamos fazer Teatro Comunitário”. Temos que disfarçar muita coisa porque falar así, Teatro do Oprimido, éramos questionados pelas autoridades. Como você vai falar de teatro do oprimido se em Cuba não tem oprimidos, né? Então, na realidade, não temos oprimidos como aqui. Porque quando cheguei no Brasil foi a primeira vez que vi, naquela época, agora já existe em Cuba, mas naquela época eu nunca tinha visto morador de rua, e eu fiquei [boquiaberta]... muito surpresa de ver uma pessoa dormindo no chão. Eu nunca tinha visto isso, né? Agora Cuba tem, eu acho. E tem muita coisa que eu nunca vi na minha vida, nunca, boas e ruins. Então, é... tinha...ah... porque que eu... nunca em meu pensamento esteve em sair de Cuba. E eu sou educada así, Acho que Luana pode saber disso, sou educada com os valores muito altos da Revolução Cubana, né, de comunistas mesmo. Mas por razões que eu tenho estudado no meu mestrado aqui, isto tem mudado na época da história da Revolução Cubana, né, em nosso país. E acho que Cuba tem uma revolução muito importante, ela precisava resguardar, né, proteger a sua revolução. Então ela levanta muros muito altos, frente à ameaça de Estados Unidos e do mundo, né, pra que esta Revolução, este projeto social, que era justiça social mesmo, não fosse derrubado facilmente por influências externas do capitalismo de Estados Unidos, do resto do mundo. Certo? A Europa do Este neste momento, eu to falando anos 60, 70, 80, até que caiu o campo socialista, né? Então ela levantou muros muito altos para proteger esta revolução. E isto eu acho, lógico, né, só que yo sou filha desta revolução, né, e meus pais são combatientes desta revolução também. Então fui educada muito nesses valores. Valores de honestidade, de colaboração com o outro. Todas essas coisas me impactaram muito quando eu cheguei no Brasil, né, que não existe isso, de uma maneira generalizada, né. Então, eu tinha vindo sido educada assim, isso foi (complicado?). Então, eu não queria sair de Cuba na verdade, mas o projeto... e porque todo mundo diz, todo mundo queria sair de Cuba, muitos jovens queriam sair de Cuba e eu pensava así: “Se todos nós vamos sair de Cuba, quem vai lutar para mudar as coisas que tem que ser mudadas, né?”. Porque tem uma revolução, não quer dizer que “Fechou o círculo todo e perfeito”, quer dizer,

nada disso! Continuando a Revolução a todo tempo, né? E dizer "quem vai ficar?". Temos que ficar alguns para isso, ainda que seja puxado, temos que fazer, então... Mas o trabalho por anos, por alguns anos, este que eu comentei pra vocês, se (pôs?) bem bom. Ele era muito questionador e a gente não ficava naquele grupinho questionando, só. Levantávamos as problemáticas, tudo através da arte. Tudo era resignificado, tínhamos esse treinamento, de ser resignificado. Até como nós podíamos encontrar, não é só uma resignificação dos conteúdos, senão das formas também. Então, ahm... era muito dinamizador das estruturas de nós mesmo, também. Então, tínhamos, como, sentido né, para onde ir, e por isso estudávamos também. Esse trabalho mexia muito com as estruturas de poder, porque a gente pensava (sim?) as problemáticas das comunidades (dos ???) 1:05:17. (Não só saiam sendo que?) Fazíamos sessões encontrando as possíveis soluções ou as soluções da comunidade ou de nós com a comunidade pra aquelas coisas. Então, ia sendo como um meio alternativo, tinha que sair do padrão. Tocava as coisas difíceis que as autoridades, que o governo não podia, não entrava ali e ao mesmo tempo criava suas próprias estratégias de solução né, nas comunidades. Quando trabalhava com liderança comunitária, por exemplo, né? Quais eram as soluções para as suas comunidades. Só que em Cuba é muito difícil, porque não deixa fazer (isso?) comunidade, né. É como uma grande comunidade, Cuba, unida, e é como se se perdessem as vozes das comunidades, as identidades das comunidades, por uma coisa maior. Eu compreendo, eu tenho total compreensão disso, só que o custo é muito alto, porque deixa sem voz as pessoas para fazer uma voz grande, única, homogênea. Então, as vozes não são homogêneas, e a gente tocava isso, as múltiplas vozes, as múltiplas problemáticas, as múltiplas soluções que saiam deles e as múltiplas maneiras de agir para fazer as soluções serem, acontecerem, né? Ai, isso é muito duro em Cuba. Isso já mexe muito muito e... numa época que se (posso?) 1:07:04 muito difícil, né? A gente era muito questionado, muito chamado, questiona tudo que faz, se diz "você não pode fazer isso", "você tem que parar com isso", né? É muita... Você não pode, com o que você está criando você está alimentando as pessoas que querem destruir a revolução, você está alimentando os EUA, isso que tá fazendo. Muito fechado. Então aí foi... tava muito difícil... e aí eu tive que decidir sair de Cuba. Eu fiquei meio doente, né. Tinha muita pressão e uma grande responsabilidade com as comunidades, com os líderes e eu não podia trair eles. Seria trair a mim mesma né. Então eu decidi sair, porque fiquei muito doente. Então pra onde que eu ia ir? Vou ir pra o lugar onde... pra beber da fonte de Paulo... de meus referentes. Então fui pra Brasil. (Venha pra?) 1:08:17 podia ir pra Europa mas eu não fui. Queria vir aqui ao Brasil. É... Só que quando cheguei, a fonte era outra, né. Mas isso é outro capítulo. Mas é assim, é isso. **Um pouco de silêncio.** Não podia ficar ali, já tava muito fechados, tínhamos uma ordem para não deixar trabalhar a gente em nenhuma parte de Cuba, porque pessoas podiam ser presas, né. Então ficou muito difícil para conseguir seguir (vindo?) e eu tinha filhos, tinha dois filhos nesse momento, meus dois filhos. Então não podia, tinha que sair mesmo. **risos.**

Guilherme: Eu tenho uma dúvida também, que eu fiquei de tudo que você falou sobre se o grupo de vocês, que atuavam nas comunidades eram um grupo grande, assim? Numericamente. E também, se você pudesse falar, que acho que eu que não entendi bem, como que era... se tudo era voluntário, se vocês estavam em nome de alguma instituição, ou

de alguma ONG específica, ou eram várias coisas que atuavam conjuntamente. Deu pra entender a pergunta?

Ludmila: Sim, mais ou menos. Depois tu me vais, depois você vai me dizendo, né. Quanto se era voluntário, no começo era tudo voluntário, depois que o projeto cresceu que tive já um apoio da ONG - uma parceria com as ONGs, sobretudo a ONG Suíça, que a ONG italiano esteve no final só, né. Antes foi sempre a ONG Suíça. Aí eles, no Ministério da Cultura, é... continuaram a pagam nossos salários em pesos cubanos, é... para fazer como professores dessa equipe. Então nossos salários eram mais como professores. É isso, Gui?

Guilherme: Isso...

Ludmila: Isso era uma pergunta. E a outra pergunta era...?

Guilherme: Era sobre o tamanho disso também, a extensão...

Ludmila: Parece grande né?

Guilherme:(Risos) É, parece.

Ludmila: Não. Éramos só... Apenas éramos duas pessoas, né. Que depois... o que acontece: que os laços que se teciam com cada jovem que ia formar, que fazia imersão, os laços tecidos durante a imersão eram muito fortes. Eram laços muito sólidos. Uma verdadeira comunidade. Trabalhávamos desde o conhecimento sensível do mundo e de nós mesmos, (com os?) entrelaçados. Então, em cada imersão que a gente fazia, armava um grupo por região. **Silêncio.** Mas éramos duas pessoas, né. Depois, por exemplo, nesta região tem um grupo muito forte, que trabalha muito forte. Tipo, umas sete pessoas... oito. Mas quando chega em cada comunidade, eles têm seus próprios laços criados na comunida... É como uma rede, né? E ali, a gente cria uma um pouco maior. A rede expande. Isso em cada três centros: ocidente, centro e oriente. Agora, estes jovens, sete, cinco que ficam aqui em ocidente, de repente hacemos um grande num ano que juntava todos. Uma semana de imersão com grupo de... artistas de aqui, de aqui e de aqui. Então ficava um grupo grande, de vinte pessoas. Depois, poderiam ter lideranças comunitárias que queriam fazer participar desses processos para poder agir em sua comunidade. A gente também né. Então, a rede não era grande, nada disto! São coisas pequenas, mas os tecidos eram muito bem tecidos.

Helena: Parece um trabalho muito lindo. Muito forte mesmo.

Ludmila: É muito... Mexia muito com a gente. **(silêncio)**

Luana: Uma dúvida que eu fiquei, Lud, mas esse trabalho ele, é..., teve que parar de acontecer mesmo? Foi isso?

Ludmila: Teve. Ele foi fechado, acho que teve muito - como já comentei - começou ser questionado por las autoridades, pelo governo. "O que que vocês tão fazendo?" "Vocês tão armando uma revolução"... é... e aqui não tem mais revolução que esta, né [risos]... Então, foram muito atrás dele, atrás do projeto, muito. E fazendo ações muito concretas, muito complexas, né. De censura, né. Censura. E foram limitando, limitando cada vez mais, né, e não permitindo muitas coisas. Não deixando fazer, não deixando acontecer, chamando se acontecia alguma coisa. Apesar de não deixar, às vezes fazíamos. Então chama, tem sessões de pergunta, digamos, né. E... às vezes intimidatórias, né.

Helena: Eu tinha pensado, se você acha que, é... Como que você sente que aconteceu essa continuidade quando você chegou aqui, né? Como você conseguiu continuar isso, pra você mesma? E o que mudou, né? Como foi essa chegada aqui e o que você conseguiu dar continuidade e o que você viu mudando.

Ludmila: É, na verdade, é uma época de ruptura, né, e em Cuba a rede se desarticulou, né [silêncio]. É... cada pessoa desta continua fazer seu trabalho, a maioria continua a hacer seu trabalho, mas desarticulado de grande rede que criamos, né, construimos. Foi propositalmente desarticulado, tudo, né. É... se fazem coisas, é possível fazer coisas desde o poder para desarticular, né. Então, é... a... as pessoas principais, digamos, saíram de Cuba, né. Então também isso desarticulou muito. Mas [silêncio] a única continuidade que eu dei a esse projeto aqui, ahm... [silêncio]. Não, porque así, nas condições que eu saí de Cuba, né, ah! Você tem que deixar pra trás um monte de coisa, né. Então não dá... para pensar em nenhuma continuidade. Você tem que, primeiro, ter saúde, né. Depois, então, de ter saúde, então aí você pode pensar alguma coisa. Então, aí... como que eu dei continuidade, eu fiz meu mestrado aqui, na UNESP, Instituto de Arte Barra Funda, com uma orientadora super boa e todo esto preparei em Cuba antes de vir, pra encontrar a melhor maneira de sair de Cuba que não fosse tão traumática, tão difícil pra mim, né. E aí eu, é..., comecei a fazer a papelada, documentação, projeto pra estudar o mestrado aqui no Brasil, que tava aberto o consulado, dando oportunidades, né, pra estudar aqui. E... [silêncio] a continuidade foi este projeto que nós fizemos em Cuba, estudá-lo, essa foi minha dissertação de mestrado, né. Estudá-lo e dar uma olhada pra ele. Todo era muito lindo, muito maravilhoso, nós estávamos (?) muito empolgados de quanto logramos. Só sair de Cuba por isso era um logro, né. Pero foi muito valioso para muitos jovens que se prepararam, ainda mais em trabalho comunitário nas condições de Cuba, são muito difícil pra se fazer trabalho comunitário. E foi muito bom para a comunidades, no momento que foi. Muitos jovens viviam isolados na montanha, que trabalhavam na comunidade e ficavam así, inspirado, motivado, porque seu trabalho é muito isolado e muito duro. Ninguém apoia, ninguém entende nada. E aquele projeto llevaba essa luz, digamos, né. E eles se sentiam e armavam (?), eram partícipes de uma rede, de outro que sentiam e passavam as mesmas coisas que ele mas não se conheciam porque estavam n'outro lugar da ilha. E a gente foi juntando todos eles, né. E esto é uma coisa incrível. Juntamos muitos jovens de... formamos... não form..., quando eu falo formamos não é que eu formasse ninguém, todos nós formávamos juntos. Todos tinham muitas experiências. [Silêncio]. Só nosotros colocamos um roteiro, digamos, né. Mas todos eram artistas. Estudados em escolas, institutos de arte, né, digamos, do poder, do legitimado, do que é legitimado, né. E todos

estavam na comunidade, porque eram também originários daquelas comunidades né. Não quiseram abrir mão de ser artista pra trabalhar pra ir trabalhar com seus... seu, é..., com a sua comunidade, né. Então, mas tudo era tão maravilhoso que eu cheguei aqui eu falei “Não, eu quero um olhar que saia de meu próprio olhar”, né. Eu quero ter um olhar que não seja que tudo é maravilhoso, eu quero ver o que que... o que que faltou, o que que não fizemos, qual engano tivemos de nós mesmos, né. Fazer uma dissecação, né, do projeto. Então aí eu fiz minha, com a orientadora Carminda Mendes André, não sei se conhece ela. Ela é da área da performance, intervenção urbana né. E a Carminda, ela gostava muito do projeto e eu fiz, así, uma dissertação sobre isso, apresentando primeiro as condições de Cuba para que brasileiros entendessem o que que eu estou falando, né. (?) Âmbitos da esquerda e falar para a esquerda romântica brasileira que em Cuba está acontecendo isso e não é fácil, né. Eu tenho que dar algumas demonstrações, sobretudo porque eu também me sinto de esquerda [risos]. E eu não estou em **em contra** da revolução cubana, mas eu estou em encontro de todo processo que não sea libertador e de todo processo que sea censura, seja de onde que for. Aqui é muito forte também, só que não enxergamos bem muitas coisas, né. Mas aqui é... aqui é dureza também. Bem forte. Então não sei pra onde que vou ir, né [risos]. E a continuidade vai sendo um primeiro capítulo, fazendo um embasamento de Cuba e desta coisa, das condições de Cuba, né, políticas, econômicas. Toda a situação de Cuba, né. Depois um capítulo que descreve esse processo, tatatatá, e depois esse olhar, digamos, crítico... não é crítico senão refelexivo, sobre esta experiência [silêncio]. Mas, eu, pra poder fazer isto, eu tive que me colocar, me posicionar em um olhar contemporâneo [silêncio]. Senão eu não consigo enxergar. Tinha que deslocar um pouco a minha cabeça pra poder ter este, esta abordagem contemporânea. Poder enxergar o que... o que que realmente eu fiz, o que que eu repeti, o que que eu... né. Essa é a única continuidade. Eu não continuo aqui... eu quero agora... estou querendo fazer alguma coisa com crianças agora, em alguma escola. Mas, é mais preparar também para a vida, né. Mas não em este sentido, de comunidade esse não é mais o sentido (?) mas, é... [silêncio]. Ter fortalecimento emocional, alguma coisa assim, né [silêncio]. E pra vida, mas não assim estamos acá (?) sí [risos].

Guilherme: E quais foram suas impressões quando você chegou aqui no Brasil e hoje também, como que você se vê aqui. Você se sente em casa? Como que é pra você?

Ludmila: Ah! Eu tenho muitas impressões, muitas diferentes no Brasil, né. É... eu sempre faço essa história: quando eu cheguei o primeiro dia, fui dar um passeio com meu filho em uma trilha que tinha onde eu morava neste momento, unas árvores, né. E... eu escutei uns disparos de arma de fogo [silêncio]. E... eu estava num condomínio, né. Então, eu peguei meu filho e tiramos... jogamos no chão, jogamos no chão. Não eram armas de fogo, era foguete, né. Era fogo de artifício. Só que em Cuba não existem esses barulhos. Então pra mim eram armas de fogo, uma coisa muito grande. Aí nós tiramos no chão, né, nos jogamos no chão e depois nós rimos muito porque não era nada disto. Era tipo uma guerra [risos], pra ver uma guerra. Então, é muita coisa, né.

Guilherme: [risos].

Ludmila: [risos] É muito engraçado, não é? [risos] Muito! Mas ali eu levei um susto, né. Eu não sabia que que era esse barulho. Eu disse "ai, mas disparou!" [risos].

Luana: Não, é que parece muito um estouro enorme desse [risos].

Ludmila: [risos] Tem muita, muita coisa diferentes, né. Muitas [silêncio]. É... não conhecia (?) 1:23:46 cartão de banco, nada disto. Isso não existe em Cuba. Podia andar pelas calçadas sem problema, não tinha tantas grades lá. Tem calçadas pra andar, com árvores... O espaço pra andar, não é... a rua não é só de carros. É de pessoas também. Tem muita coisa. E depois, estava muito encantada com o Brasil, assim, ele é tão libertário... Via homens com homens, mulheres com mulheres beijando-se na rua, de mão. Isto era muito lindo pra mim ver e enxergar isto que não podia acontecer em Cuba, né. Só, em Cuba não nos matam, como eu falo. Não matam as pessoas por homofobia. Aqui sí. Mas é... é... pra mim era bem libertário nesse sentido. Só que com o tempo e à medida que eu me aprofundo neste país, eu vou percebendo que não é assim, não [silêncio]. Então fica muito triste. Realmente não é o que a gente vê [silêncio]. Ou quiçá é, só que não é assim tão romântico quanto eu pensava [risos].

Luana: Esse, Lud, acho que esse processo assim de ir olhando pro Brasil, né... antes acho que você tinha essa visão do Brasil a partir das sua referências, né, que é o Boal, Paulo Freire, que com certeza acho que dão uma impressão muito bonita do país. Mas, acho que eu pediria pra você falar um pouco mais sobre isso assim, sobre como foi esse caminho que seu olhar percorrendo da sua chegada no Brasil até hoje, em relação a sua vivência aqui, sabe? E sua imagem de Brasil. Eu não sei se consegui ser clara.

Ludmila: Sim, acho que sim. Primeiro: muitos choques. Tanto pra bem quanto pra mal, né. Como ver moradores de rua, né, pela primeira vez. Mas ao mesmo tempo as pessoas serem muito amáveis, mais amáveis que em Cuba. É... não pode andar pela rua... colocar pela primeira vez um chip em minha cabeça que tenho que ser muito ligada na rua, quando eu não tinha esse chip criado, né, porque em Cuba não acontecem essas coisas... acontecem, mas muito menos. É... [silêncio]. Mas chegarem em... é... quando estudava mestrado aqui e chegar e ver os colegas sacando alguma bolachinha, alguma coisa pra comer e não oferecer pra ninguém... Isso me impactava muito, né. A gente vinha de uma época de passar fome, né, e de fazer comunidade. Então essa é uma diferença muito grande porque eu cheguei e de repente caiu um mundo do egoísmo, visível, nada escondido. Claro que o que eu penso né, tudo... não sei... a fazer café e não..., chegar a beber café e não ter mais café, todo mundo bebeu e não pensou no outro, né. Claro, o pensamento do brasileiro pode ser "não, mais café! Faz mais!" né? Mas pra mim não essa assim, porque no meu pensamento não tinha mais. Só era esse. E esse que tinha tem que ser compartilhado, né. Então pra mim é muito... era muito egoísta. Continua a ser, na verdade. E... mas tem muitas coisas, assim de sensação de ter a liberdade de falar algumas coisas contra governo, sem problema, "Fora Bolsonaro", não sei, né. E não passar nada. Não te levam preso por isso. Isto também é impactante. Mas é uma época muito rica pra mim há sido a época de quarentena [silêncio]. Eu tenho podido aproveitar muito esta época, porque, geralmente, eu tenho estado muito tempo com... quase uns dois anos, quase vivendo cada dia o templo budista né (?). Já contei que no ano de 96 eu

comecei minha prática budista e... quando chegou a quarentena, a pandemia, eu tive que sair pra casa, né, pra onde que eu não saio de aqui. E... e aqui eu vivo, eu alugo numa edícula, né, uma casinha de traz da casa principal. As pessoas são muito boas, né. A dona de casa é uma... ela nasceu aqui mas foi a última de seus irmãos que nasceu aqui porque todos são italianos, né. E... uma pessoa muito bondosa. E também aqui está a empregada da dona de casa, né, que é uma menina do nordeste. Então eu aprendi com a quarentena a reconhecer muito essas coisas. Não somente (?) a viver-la, a ter essas experiências, e a reconhecer essas coisas que são de um Brasil profundo, que são as relações de escravidão que vocês tem aqui. Pensamento de conquistadores, pensamento europeizante, de dono de suas vidas. Pensamento de como levar alguma coisa do outro escondido. Pensamento de... ah, é muito triste, né. Pensamento de... o Brasil ele não fala todo, coisas muito veladas. O homem cordial, né. Então, essas coisas são grandes aprendizados pra mim. As pessoas não percebem. Em geral, eu acho que as pessoas não percebem. Tem que ser que você se coloque em um momento que pode estudar isto. As pessoas vivem essas reações, cotidianamente. E eu fico muito assustada com como se repetem essas estruturas [silêncio] muito dependentes e muito escravizantes, na fala, nos atos e no agir corporal. Isso é assustador. Eu não tô criticando o Brasil, né. Mas é... neste tempo eu tenho aprendido isso que nunca tinha conseguido experienciar, né. Pra mim é muito duro... Quer dizer, é muito triste. Então, aquele país, tão libertário que eu via, né, que mulheres e mulher beijavam na rua, homem com homem... quando você entra nesse tecido mais profundo, nada disto! É muito estranho. É muito triste. Acho que é como se eu vivesse em um país que por fora fosse muito liberal e, por dentro, muito arcaico. É muito estranho. Mas continua sendo o país de Paulo Freire, né, e de gente que percebe isto. Uma coisa boa do Brasil que eu fiquei muito impactada, e ainda me impacto, é a capacidade de movimentos sociais que tem. Isso não existe em Cuba. Então, esse país, é possível suster ele, apesar de toda coisa ruim, pelos movimentos sociais. Pode ser que os movimentos sociais tenham momentos altos e baixos, podemos questionar qualquer coisa. Mas ele funciona. Menos ou mais, por época, depende, tem todo tipo de isso tudo(?), mas eles existem e eu acho que o motor mais verdadeiro que tem no Brasil são movimentos sociais, com todas as coisas. Mas é..., na verdade é uma coisa muito potente contra o poder de escrevidão... não sei, se pensamento de escrevidão [silêncio]. Muita discriminação aqui que não tinha, não via tanto no meu país, sobretudo por raça. Gênero também, mas não muito impactante pra mim [quanto] a discriminação por raça. (?). [risos] Às vezes (?) eu fico triste e não quero estar já mais no Brasil. Quando essa coisa pesa muito, eu digo "não quero estar mais no Brasil", é muito... [silêncio] [suspiro] é triste isso.

Luana: Você pensa, ou gostaria, Lud, de voltar para Cuba?

Ludmila: Não... é uma pergunta complicada. Uma pergunta que... uma pergunta complicada [silêncio].

Luana: Mas pelo que eu entendi, também tem uma vontade de talvez sair daqui, né?

Ludmila: É... fico assim... quando fico vivendo essas relações de [silêncio]... Ah, é muita dureza essas relações aqui. Eu vivo aqui agora, por enquanto eu vivo no Bexiga, um bairro de

italianos mas é um bairro de nordestinos e negros, né. De classe operárias, né, também. E eu vejo essas diferenças. E... eu... ah, pra mim é muito difícil isso. Não, na verdade não sei se volveria ou não [silêncio]. Não posso responder isso agora. Pensei nunca mais volver, mas em esta época eu me questiono isso no sentido que, o que que se custaria mais (?), né? Porque volver a Cuba tem certas condições pra mim, né. Voltar a Cuba implica alguma coisa pra mim né. Então... [silêncio].

Luana: Eu não sei se vocês têm alguma pergunta mais específica, Helena, Gui... Ou se... A gente tem uma última pergunta, “última”, né, entre muitas aspas última, que é sobre o que você achou de dar a entrevista, de contar pra gente um pouco... Mas não sei se eles não ficaram com alguma coisa também na cabeça.

Helena: É, são tantas coisas [risos]. Acho que por enquanto não pensei nada específico.

Ludmila: Então, eu queria hacer dois comentários finais, né, então se não tem... Se tem uma pergunta pode fazer, mas queria comentar. É... eu acho, né, como resultado de meu mestrado foi muito bom. Ah... o mestrado que eu fiz aqui eu fui así, minha orientadora e o grupos de pesquisa ele foi muito focado na filosofia, né. Em Cuba não se podia ler Foucault, só muito poucas pessoas poderiam ler Foucault ou não sei quê. Qualquer coisa que mexesse com a estrutura, né. Ahm, mas... tudo que eu estudei no meu mestrado ele foi muito bom, eu aprendi muito, muito... é... Era um mestrado sobre a educação, sobre a arte, sobre as abordagens, sobre filosofia, né, contemporânea [silêncio]. E uma das coisas que foi resultante de meu mestrado pra minha vida... porque pra mim o mestrado não era uma questão de uns estudos. Não são uns estudos de pós-graduação. A gente não vinha... a gente vinha do fogo. Em situação de... já doente(?), né. Vinha do fogo. Eu não estava pra... eu não tenho a cabeça de "ah, vou fazer o mestrado porque agora este daqui eu passo pra doutorado, doutorado eu vou ter um trabalho, um trabalho que eu possa ganhar mais dinheiro, vou poder dar sustento para meu filho, vou ter uma casa, quiçá poder comprar um carro, né". Não é nada disto pra mim, o mestrado, né. Mestrado é outra coisa. Eu não tenho esse padrão na minha cabeça. Esse é um padrão muito do capitalismo, né. E não só do capitalismo: dos seres humanos, né. Esse não é meu padrão, né. A questão do mestrado era muito cética. E... o que é resultado da vida me deixou a possibilidade de reflexionármos sempre sobre essas estruturas que nós levamos dentro. Esse opressor que a gente tem dentro e essas estruturas que nós levamos, que nós reproduzimos em nosso corpo, em nosso pensamento, estabelecida pelos discursos de poder e quanto depois que enxergamos esto vamos a dinamitar em nós e em nosso agir, essas estruturas, né. Quanto de dinamitadores temos de esses discursos (?) de poder, né. E toda aquela coisa que podemos dinamitar, acho que seria bom. Eu sou a favor disto né. Este é um grande aprendizado no mestrado e para a minha vida. Eu já agia mais ou menos assim, como vêem, mas estou melhor na clara consciência de como fazer que minha vida... que eu sea uma bomba [silêncio], uma dinamita pra muitas coisas que estão e que eu deixo passar e seguem funcionando igual. Eu não estou nem hablando de fora de mim, dentro de mim também, né. Principalmente. Outra grande coisa que eu aprendido neste tempo aqui no Brasil, que não existe pra mim o lugar ideal. Então, o lugar ideal podia ser o sistema socialista, Cuba ou algo así? Acho que não, na minha experiência. E isso levaria mais muitas conversações. Não

temos tempo aqui pra isso e nem é o foco né. Mas é o lugar ideal este aqui no Brasil ou qualquer outro país capitalista, por exemplo? Eu não acho também. Então, o que que nós vamos criar pra viver em um mundo, né? Eu acho que, pessoalmente teríamos que sair desta atualidade, né, e quiçá poderíamos... Não sei. Temos que aprender muito das comunidades indígenas, de um monte de coisa, dos quilombolas. Acho (?) que vivem muito nas comunidades alimentando os elos comunitários, não só com as pessoas senão também com a terra, com... né. Como mundo, né, que é vivo, com a água, que não são coisas que estão aí para eu usar. São coisas vivas. A rocha da montanha. São pensamentos comunitário muito bom, né. Quiçá um pouco idealizado nesse momento mas não é... estou falando em geral. Claro que tem toda sua problemática dentro. Mas não existe, para mim, o lugar ideal. Esse lugar ideal só seria construído por nós mesmos no nosso coração em tentando enxergar, para mim, fazendo só uma revolução dentro. Interior [silêncio]. Que consiga mudar o olhar que nós temos desde que nascemos, que nos colocam de como são as coisas. E nós assumimos que as coisas são assim mesmo. E depois já não saímos daí, achamos que essa é a verdade. E eu acho que somente uma revolução interior profunda de nós, poderia ser um lugar ahm... poderia ser, é... uma boa coisa pra ser vivida. Passo de qualquer dos dois sistemas: socialista ou capitalista. Então, acho que o lugar ideal temos que criar em nós. E vem de dentro de nós. Então é isso [risos], a coisinha que queria falar já de último.

Luana: [risos] Caramba...

Ludmila: [risos]

Luana: Nossa... Acho que como a gente disse antes, é muita coisa. Acho que a vontade era de poder ficar conversando mais algumas horas.

Ludmila: Mas está bem assim também, não, Lu?

Luana: Oi?

Ludmila: Está bem assim também, né?

Luana: Não, tá ótimo! Com certeza. Acho que é mais pra dizer do... esse meu comentário é pra dizer do quão bonito foi poder ouvir você, Lud. E tá sendo, ainda, bonito poder te ouvir. E só pra gente poder te ouvir um pouquinho mais, o que você achou de contar pra gente, de compartilhar com a gente essas memórias dessas experiências?

Ludmila: Como, não entendi? Desculpa, a pergunta?

Luana: Você achou... Como que você se sentiu em compartilhar com a gente essas memórias, essas experiências, em compartilhar suas experiências, em permitir que a gente te ouça?

Ludmila: [risos] Não, así, a minha experiência pode ser a experiência de muitas pessoas em diferentes âmbitos, né. Não é nada muito especial. Mas, é... eu acho que... Eu me senti muito confortável com vocês, né, mas eu acho que é uma tarefa... Eu acho que vocês devem... Se conseguirem ,(?) agir e hacer (?), dinamitar as coisas seria muito bom, né, e quiçá o jeito de entender a sua disciplina, como vocês falaram no começo, ser mais aberto, que são práticas políticas? Não me lembro... Qual que é o título da disciplina?

Luana: Então, é um título sempre longo [risos]. “O Ensino da Arte no Brasil: práticas...”

Guilherme: “...Contemporâneas”, né, ela é bem abrangente, o subtítulo.

Luana: “Trajetória política, conceitual e questões contemporâneas”.

Ludmila: É, então. Não estamos falando da história do Brasil, da história do ensino da arte no Brasil, eu, né? Mas vocês foram suficientemente abertos para entender que quiçá ser eu, como imigrante, conformo (?) alguma coisa no Brasil a respeito disso. Seja porque puxei uma experiência a ser pesquisada, né. Então isso já é uma coisa boa, de não ficar muito fechados, né. De construir a história de outro jeito, que não é o jeito que a gente estuda na universidade e... mas a gente tem que ser consciente de que essas universidades são centros de poder, de pensamento europeu, né, de pensamento colonizador. Tá bom, temos... temos que estudar nas universidades. É isso, só temos que tener essa consciência, né. Não quer dizer que agora não queremos, não necessariamente temos que deixar de estudar, não é isso. Mas, é ter olhares mais abertos, de abertura, que inclu... inclusivos. Que tratem com a diversidade, que não sea um espanto a diversidade porque não é como eu, já é muita coisa boa, né [silêncio]. Isso é como poder comer comida coreana e cubana, isso é como poder comer... tomar de café da manhã pão com manteiga e leite ou sopa de peixe e arroz kimchi. Quão flexíveis também podemos ser com como dinamitamos essas estruturas e como incluimos, né, [como] somos empáticos com os outros também [silêncio]. Então, tá bem, então tá.

Helena: Nossa, vontade de agradecer muito. Eu acho que, pra gente terminar, era, principalmente, agradecer muito por essa conversa.

Guilherme: Nossa, eu também agradeço muito! Nossa, eu fiquei aqui pensando, como ser um rio e uma dinamite [risos] ao mesmo tempo [risos].

Ludmila: [risos] Ah... Eu que fico agradecida, né, que vocês consigam pensar em essas coisas no Brasil, que tenham pessoas pensando em eso, que isso seja, de alguma maneira, compartilhado com outros pequenos grupos, ou que seja... Que funcione também para alguma coisa para vocês mesmos e para o aditivo (?). Não tanto pra vocês quiçá como qual que é? (?). Se o que eu estou fazendo é dar um passo em função da inclusão ou em função da diversidade ou em função de alguma coisa que seja melhor para o público, que seja melhor para as pessoas, né [silêncio].

Luana: Sim... Bom, eu também gostaria muito de agradecer, Lud. São... essas duas imagens que o Gui comentou são... acho que são muito boas e deixam pano pra manga pra pensar como ser uma dinamite e um rio ao mesmo tempo.

Ludmila: Una dinamite e um rio, é isso?

Luana: Você comentou, né, no começo lá, que você se sente como um rio, muitas vezes, mas também se sente, ou se propõe a ser, uma dinamite. Então... Muito obrigada, Lud, muito obrigada mesmo.

Ludmila: Sim, muito obrigada, muito obrigada.

Guilherme: Muito obrigado por compartilhar esse tempo com a gente aqui, você ficou muito mais do que você podia, também.

Ludmila: [risos] Tá bom, mas muito obrigada pra vocês, espero que todo esse trabalho possam trabalhá-lo bem né, fazer suas coisas e me avisem de alguma coisa, de... de... se ele gerou alguma coisa, boas, né. Algum impacto, né, algum impacto. Então... seria muito bom saber, né?

Guilherme: Ah! E tem uma coisa também que a gente vai transcrever, né, essa entrevista. Aí a gente vai te enviar. A gente vai te enviar tudo também, né, a gravação e a transcrição.

Ludmila: Coitados, né [risos].

Luana: [risos] Muito trabalho pela frente. Mas tudo que a nossa conversa for gerar, a gente vai compartilhar com você, Lud. A gente vai contando...

Ludmila: [risos]

Luana: ... que que vai acontecendo pelo caminho [risos].

Ludmila: [risos] Tá, bom. Que fiquem todos bem, que acabe a pandemia!

Helena: Sim!

Ludmila: Que não tenha mais mortos no Brasil e no mundo, né.

Guilherme: É...

Ludmila: Sim... bom, bom dia! Muito obrigada.

Todos Bom dia!

Guilherme: Tchau, Lud! Brigadão mesmo.

Ludmila: Brigada.